

APRESENTAÇÃO

Em sua 42ª edição, a *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos* publica dez textos dando assim continuidade ao trabalho de divulgação de pesquisas, estudos e análises voltadas à compreensão da linguagem, que privilegiam o funcionamento linguístico-discursivo, as tecnologias de linguagem e a história das ideias linguísticas em face de políticas de línguas, processos de institucionalização e produção do conhecimento. Além de uma **Resenha**, este número abriga nove artigos na **Seção Aberta**.

Intitulado “Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade”, o artigo que abre a **Seção Aberta**, de autoria de Helson Flávio da Silva Sobrinho, apresenta o modo como as ideias de Gottlob Frege são convocadas por Michel Pêcheux, no livro *Semântica e Discurso* (ou *Les vérités de la Palice* em francês), para discutir e criticar a oposição entre objetividade e subjetividade. As considerações de Silva Sobrinho conduzem à observação do processo de articulação teórica e política proposta por Pêcheux acerca da concepção de sujeito constituído por determinações histórico-ideológicas.

No artigo “A noção de direitos linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo”, Fernanda Castelano Rodrigues discute os sentidos da noção de direitos linguísticos a partir do modo como se relacionam com os ditos “direitos humanos universais”, “direitos individuais” e “direitos coletivos”. A análise se centra nos processos de cooficialização de línguas no âmbito municipal e na declaração de línguas como patrimônio imaterial do Estado. A autora propõe observar como a noção de direitos linguísticos no Brasil se constitui por contradições que revelam a tensão entre sentidos fascistas e democráticos.

Em “A institucionalização do curso de licenciatura em Letras-Libras no Brasil: língua, sujeitos e sentidos”, Maraisa Lopes trata do processo de institucionalização de cursos de graduação na relação com os alunos com deficiência. Para tanto, analisa as políticas educacionais voltadas à entrada de pessoas com deficiência na universidade e as políticas de promoção da Libras. Assim, a autora mostra como essas políticas significam a deficiência como déficit e não como diferença enquanto as

políticas de promoção da Libras se detém no modo como se constituem os sentidos para essa língua em relação à língua portuguesa. Destaca-se o fato de Libras ser uma língua oficial, mas não nacional, no Brasil.

O artigo “A escola e a interdição da língua dos imigrantes alemães nas Missões do RS” de Caroline Mallmann Schneiders e Yasmin Schreiner Heinzmann aborda o processo de historicização da língua de imigrantes em face de políticas linguísticas impostas pelo Estado Novo. O corpus da pesquisa é composto de entrevistas realizadas com pessoas nascidas entre 1920 e 1940 na região das Missões do RS. As análises explicitam como se deu a interdição da língua alemã nessa região. Segundo as autoras, a língua alemã sofreu um processo de silenciamento, tendo a escola se configurado como um forte aparelho ideológico do estado na manutenção desse processo.

O artigo “Visualizar, ler e compreender o dicionário Priberam: divisões políticas da língua no limiar do linguístico e do visual” é de autoria de Guilherme Adorno. O autor analisa o processo de gramatização do português brasileiro tomando como objeto o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (DPLP) em sua versão digital. A partir de uma relação de recobrimento entre a designação “português contemporâneo” com “português europeu” e “português do Brasil”, o autor dá início a uma reflexão sobre as “ferramentas lexicográficas digitais”. As análises mostram como os saberes linguísticos e informáticos se sobredeterminam reorganizando os sentidos do local, do global e do nacional numa produção lexicográfica.

Em “Entre o nomear e o escutar: a depressão”, Marcos Barbai analisa o funcionamento político dos sentidos do nome “depressão”. Como nome próprio de um blog, “Diva Depressão”, depressão faz funcionar os sentidos da cura, da correção e da medicalização. Sentidos estes possíveis, como analisa o autor, a partir da legitimação do nome enquanto um distúrbio psíquico seriado e ordenado gradativamente em manuais como o DSM (*Diagnostical Statistical Manual of Mental Disorders*) e a Escala de Hamilton (HAM – D), por exemplo. Os sintomas são aí, como explica o autor, “signo inteiramente transparente da doença”.

O artigo “Deslocamentos de politização no discurso: um olhar semiótico sobre a mulher na política” de Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima apresenta uma análise sobre como o discurso midiático significa o lugar da mulher na política. O corpus do artigo é

uma matéria da revista *IstoÉ*, publicada em 2007, sobre Manuela D’Avila, na época deputada federal do Rio Grande do Sul pelo PC do B gaúcho. Fundamentada na semiótica francesa, a autora analisa o percurso gerativo de sentido do texto. No nível fundamental, duas oposições semânticas sustentam o percurso: masculinidade x não-feminilidade (como valores disfóricos) e feminilidade x não-masculinidade (como valores eufóricos). A análise dessa oposição permite a autora observar a construção do *ethos* e do *pathos* do enunciador e enunciatário. Os resultados mostram como a matéria constrói um estereótipo da identidade feminina historicamente presente na relação entre mulher e política na sociedade ocidental.

No artigo “Orações conformativas em foco: uma análise centrada no uso”, Ivo da Costa do Rosário e Myllena Paiva Pinto analisam o grau de integração de orações conformativas (tradicionalmente conhecidas como oração subordinada adverbial conformativa). Parataxe, hipotaxe e subordinação são conceitos que dizem respeito às diferentes propriedades em jogo na integração de uma oração a outra e estariam em uma relação de *continuum* expressando diferentes graus dessa integração. A subordinação seria o maior grau. Os resultados das análises propostas pelos autores concluem que os traços de parataxe das orações conformativas são superiores aos traços de hipotaxe.

O artigo “Expression of third person in the parkatêjê language” é elaborado por Nandra Ribeiro Silva, Ana Vilacy Moreira Galúcio e Marília de Nazaré O. Ferreira. As análises aprofundam os estudos sobre a língua parkatêjê no que se refere à expressão da pessoa pronominal com verbos dessa língua uma vez que, segundo as autoras, estudos anteriores não apresentavam análises tão detalhadas. As autoras descrevem e classificam as expressões de terceira pessoa em termos de sua função sintática considerando o estatuto dos sujeitos e objetos e os tempos verbais nas orações.

A seção **Resenha** desta edição é assinada por Anderson Braga do Carmo e Renata Ortiz Brandão que apresentam o livro *Semântica: enunciação e sentido* de Eduardo Guimarães. A resenha destaca como esse livro, além de delimitar “contornos mais elucidativos” em relação a questões teóricas trabalhadas por Guimarães desde 1990, é resultado do avanço tanto da teoria, quanto do método propostos pelo autor. A leitura de Anderson Braga do Carmo e Renata Ortiz Brandão abordam, ainda, como as condições teóricas dos estudos semânticos

desenvolvidos no espaço de enunciação do Brasil, tendo como referência a *História da Semântica* de Guimarães (2004), permitem a constituição dessa teoria semântica em suas especificidades.

Com a edição de número 42, a Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos espera mais uma vez contribuir com a divulgação científica do conhecimento linguístico.

Os Editores